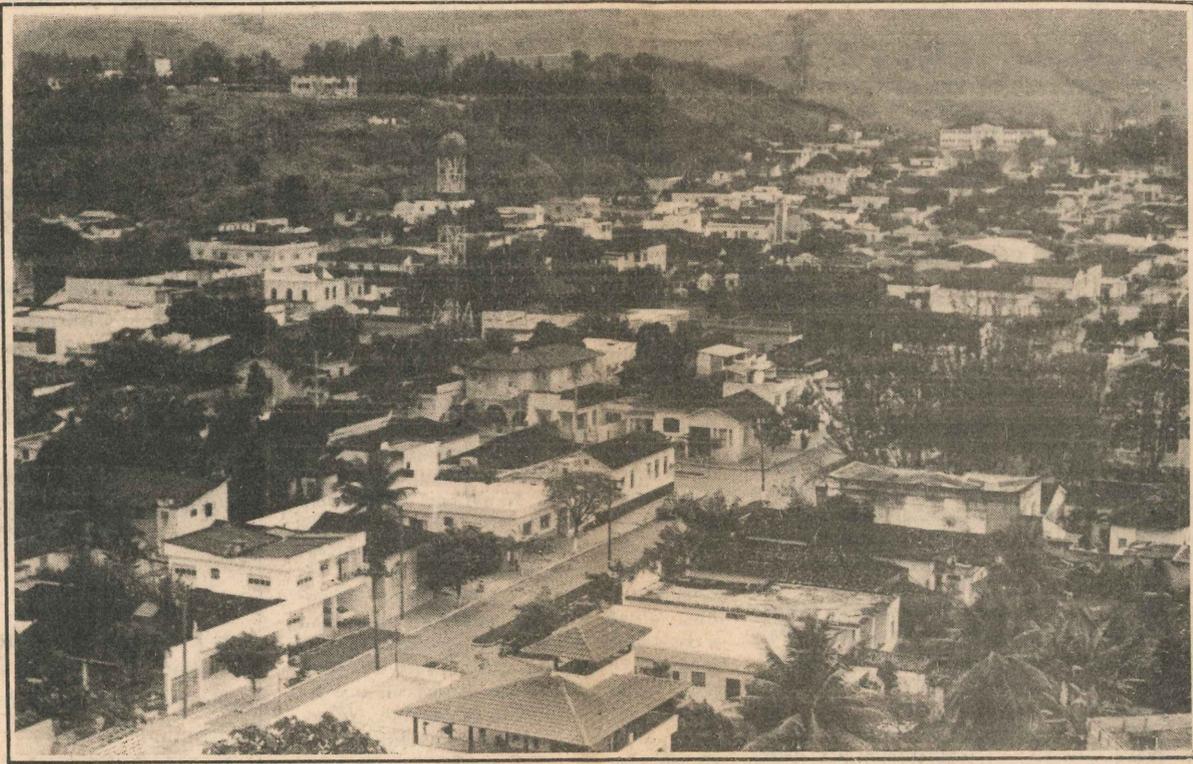
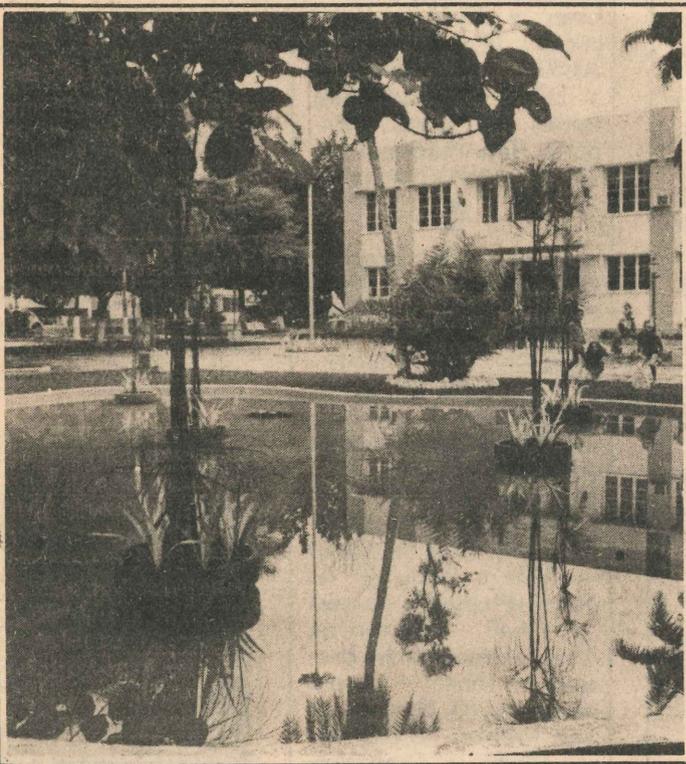


ALEGRE

AJO7704



A "Cidade Jardim" faz 163 anos

José Caldas

Decantada pelos seus filhos poetas — dizem que de palhaço, poeta e louco todos nós temos um pouco — nela radicados ou distantes, lembrada com saudades e uma vontade imensa de para lá voltar, a aconchegante cidade de Alegre, no Sul do Estado, comemora 163 anos desde que para lá chegaram os primeiros colonizadores portugueses vindos de Minas Gerais.

Não se sabe o dia certo em que isto aconteceu, mas a tradição oral confirma o ano de 1820 para a chegada na região, onde hoje se situa Alegre, de uma expedição chefiada pelo capitão-mor Manoel Esteves de Lima. O grupo era composto de 72 pessoas, entre as quais índios, escravos e João Teixeira da Conceição, que fincou acampamento na posição de 20° 45'43" de latitude sul e 41° 31'53" de longitude oeste.

Cidade com tendência essencialmente cultural — tem apenas cerca de 40 indústrias de pequeno e médio porte, segundo

grandes produtores de café, mas com escoamento para Guaçuá, devido à maior facilidade de acesso àquela cidade. Daí a necessidade que os políticos alegrenses vêem do desmembramento, o que criaria maiores condições de atendimento a outras regiões que dão mais lucro para o Município.

Há muito tempo Alegre ganhou o cognome de "Cidade Jardim", talvez pela hospitalidade de seu povo, mas também por causa de seu aspecto. Com quatro praças de lazer, ajardinadas e arborizadas, a cidade chama a atenção pelo seu aspecto que se assemelha com seu nome, cercada de muito verde e de mulheres bonitas.

A grande atividade econômica do Município é a produção de leite sendo a segunda maior do Sul do Estado — perde apenas para Cachoeiro de Itapemirim. Suas indústrias são de pequeno e médio porte — cerca de quarenta, segundo a Fines — e exploram as áreas de confecções, móveis, e mi-

reivindicações do Município hoje, certamente, são duas e não uma: primeiro, a melhoria das estradas de acesso às principais cidades do Sul do Estado e das estradas vicinais para facilitar o escoamento da produção, e, segundo, a atenção para a região do Caparaó. Embora o Pico da Bandeira esteja situado em Alegre — que já foi sede do Parque Nacional do Caparaó — toda a exploração turística da região é feita por Minas Gerais.

FESTIVIDADES

A própria crise econômica que o País atravessa impede uma programação festiva como nos velhos tempos, mas a tradição persiste e exige alguma coisa. A festa da cidade começou quarta-feira, e termina segunda-feira, dia 15 de agosto, data adotada como de aniversário. A festa tem de tudo: shows de artistas do rádio e televisão, retratas pela "Lyra Carlos Gomes", atividades esportivas, e religiosas — a comunidade alegrense é essencialmente religiosa, boile-

O folclórico nome da cidade

Manoel Pedro Ferraz

A primeira notícia histórica realmente documentada sobre Alegre data de 1857, ano em que foi criada a primeira subdelegacia policial e o primeiro distrito de paz, nomeando-se os respectivos titulares. Já então o lugar era conhecido pelo nome de "Alegre". No espaço de tempo anterior, cerca de 37 anos, tudo está envolto no domínio da lenda. Assim, da própria data de 1820, quando dizem ter chegado aqui a primeira expedição exploradora, se tem notícia pela tradição oral.

Entre as estórias de diversos acontecimentos a mais fascinante é a da origem do nome da localidade: Alegre. Veio contada de geração em geração até os nossos dias, sem nenhuma variante, o que lhe dá o cunho da verossimilhança. E realmente não se pode explicar de outra forma, pois ninguém se preocuparia em documentar o fato por escrito. A povoação crescia lentamente no seio de um vale fértil, cortado de córregos, rodeados de brejais, cujo horizonte se estreitava pelo anel de montanhas cobertas por matas espessas.

— Naturalmente que a caça era o principal divertimento. Podemos supor que em cada família havia pelo menos um caçador com sua matilha de cães amestrados.

João Teixeira da Conceição, o verdadeiro desbravador desta região, tinha também os seus cachorros de caça. Entre eles, segundo a tradição, uma cachorrinha chamada "Alegre". Tinha este nome porque, além de exímia caçadora, era meiga e carinhosa, sempre abanando o rabinho para todos que dela se aproximavam. Não havia paca, tatu, cotia, capivara que a resistisse na carreira ou escapasse do seu faro apurado. Era conhecida e admirada por todos, inclusive forasteiros, que

Dizem que, quando combinavam uma caçada, os caçadores ligavam o local ao nome da cachorrinha "Alegre": Vamos dormir no rancho da "Alegre"? E a cadelinha, pelas suas proezas, passou a ser mais conhecida que o próprio dono. Mimada por todos, vivia contente e feliz.

Mas a cachorrinha "Alegre" teve um fim trágico. Em um dia de sol ardente, saiu para caçar com seu dono e vários companheiros. Depois de haver levantado diversas caças, eis que ela sente, trazido pelas brisa, o cheiro de uma cotia. Latindo bravamente, correu em direção à cachoeira, acompanhada de alguns homens de arma em riste. No afã de pegar o animal, que estava do outro lado do rio, pulou na correnteza, forte devido à cheias recentes, sendo arrastada pelas águas revoltas, despencando-se pela cachoeira abaixo. Os caçadores, aflitos e contristados, nada puderam fazer para salvá-la. Desde então a alcunha da cachorra passou a designar também a cachoeira, transmitindo-se depois à região circunjacente:

"Vamos caçar no Alegre", tornou-se a frase usada pelos caçadores.

O belo animalzinho desapareceu no tumulto das águas, mas ficou para sempre gravado na geografia do povoado, que viria a ser um dia a bela e progressista cidade de Alegre, a "Cidade Cultural", do Espírito Santo, nova Atenas surgindo nos contrafortes da serra do Caparaó, transmitindo a seus habitantes as qualidades que fazem do cão o mais nobre e sincero amigo do homem: fidelidade, coragem, paciência, e sobretudo, o desejo de ser útil e agradável, qualidades que distinguem também os alegrenses, moldando o seu caráter e a sua vida.

to em que isto aconteceu, mas a tradição oral confirma o ano de 1820 para a chegada na região, onde hoje se situa Alegre, de uma expedição chefiada pelo capitão-mor Manoel Esteves de Lima. O grupo era composto de 72 pessoas, entre as quais índios, escravos e João Teixeira da Conceição, que fincou acampamento na posição de 29° 45'43" de latitude sul e 41° 31'53" de longitude oeste.

Cidade com tendência essencialmente cultural — tem apenas cerca de 40 indústrias de pequeno e médio porte, segundo dados da Federação das Indústrias do Espírito Santo — Alegre a cada dia dá mais mostras disto, com formação de grupos teatrais, edição de livros pela Casa da Cultura, e realizações de semanas culturais — pedagógicas, arte, etc.

Alegre tem duas faculdades — a de Agronomia, que virou Centro Agropecuário da Ufes, e a de Filosofia, com os cursos de Letras, Ciências, Estudos Sociais e Pedagogia, já muito concorridas no Sul do Estado — colégios de Primeiro e Segundo Graus de bom nível, inclusive a Escola Agrotécnica Federal, no distrito do Rive, tida como escola modelo no País. O grosso do modelo no País. O grosso da população é formado por estudantes na cidade e nos distritos.

A economia alegreense é pobre e o Município enfrenta muitas dificuldades, devendo em breve emancipar os distritos de Ibitirama e Santa Martha, localizados na Região do Caparaó,

mas também por causa de seu aspecto. Com quatro praças de lazer, ajardinadas e arborizadas, a cidade chama a atenção pelo seu aspecto que se assemelha com seu nome, cercada de muito verde e de mulheres bonitas.

A grande atividade econômica do Município é a produção de leite sendo a segunda maior do Sul do Estado — perde apenas para Cachoeiro de Itapemirim. Suas indústrias são de pequeno e médio porte — cerca de quarenta, segundo a Findes — e exploram as áreas de confecções, móveis, e minerais, cujo potencial é grande e, praticamente, inexplorado.

Apesar de sua importância no desenvolvimento sócio-econômico-cultural do Estado, Alegre hoje paga o preço de não ter representação política, embora o vice-governador José Moraes seja seu filho. Paulo Barros e Oscar de Almeida Gama, as últimas grandes lideranças, já morreram, enquanto as chamadas promessas — caso de Paulo Lemos — são "cortadas pela raiz" pelas alas superiores dos partidos.

Por causa disto, seu progresso é tímido, a não ser na área cultural, onde sobressaem os valores individuais de uns abnegados. Na hora de fazer reivindicações, porém, não há uma voz que grite na Assembléia Legislativa, ou sussurre no ouvido do governador. O prefeito atual é Djalma Monteiro, do PDS, que tem procurado o diálogo com o Governo do PMDB.

Uma das grandes

Minas Gerais.

FESTIVIDADES

A própria crise econômica que o País atravessa impede uma programação festiva como nos velhos tempos, mas a tradição persiste e exige alguma coisa. A festa da cidade começou quarta-feira, e termina segunda-feira, dia 15 de agosto, data adotada como de aniversário. A festa tem de tudo: shows de artistas do rádio e televisão, retretas pela "Lyra Carlos Gomes", atividades esportivas, e religiosas — a comunidade alegreense é essencialmente religiosa — bailes, concursos leiteiros, rodeios e desfile cívico-escolar.

A programação de hoje — 7 horas, concurso leiteiro; 8 horas, solenidade militar no Batalhão da PM; 9 horas, desfile cívico-escolar militar; 13 horas, gincana automobilística; 15 horas — sessão solene da Câmara Municipal para entrega de títulos de Cidadão Alegreense (Elcio Álvares, Luís Batista e Otávio Luís Guimarães), Amigo Alegreense (Nivaldo Xavier Valinho) e Alegreense Ausente (Telma Machado Soares); 18 horas — retreta da banda da Polícia Militar na praça Seis de Janeiro; 19 horas — show infantil com o Circo do Lambaninha; 20 horas, show com "O Gaúcho" e seu conjunto na Exposição Agropecuária; 21 horas, show com o "Painel de Controle" e a cantora Adriana, 23 horas, baile no Comercial Atlético Clube com "Los Gringos".

da localidade: Alegre. Veio contada de geração em geração até os nossos dias, sem nenhuma variante, o que lhe dá o cunho da verossimilhança. E realmente não se pode explicar de outra forma, pois ninguém se preocuparia em documentar o fato por escrito. A povoação crescia lentamente no seio de um vale fértil, cortado de córregos, rodeados de brejais, cujo horizonte se estreitava pelo anel de montanhas cobertas por matas espessas.

— Naturalmente que a caça era o principal divertimento. Podemos supor que em cada família havia pelo menos um caçador com sua matilha de cães amestrados.

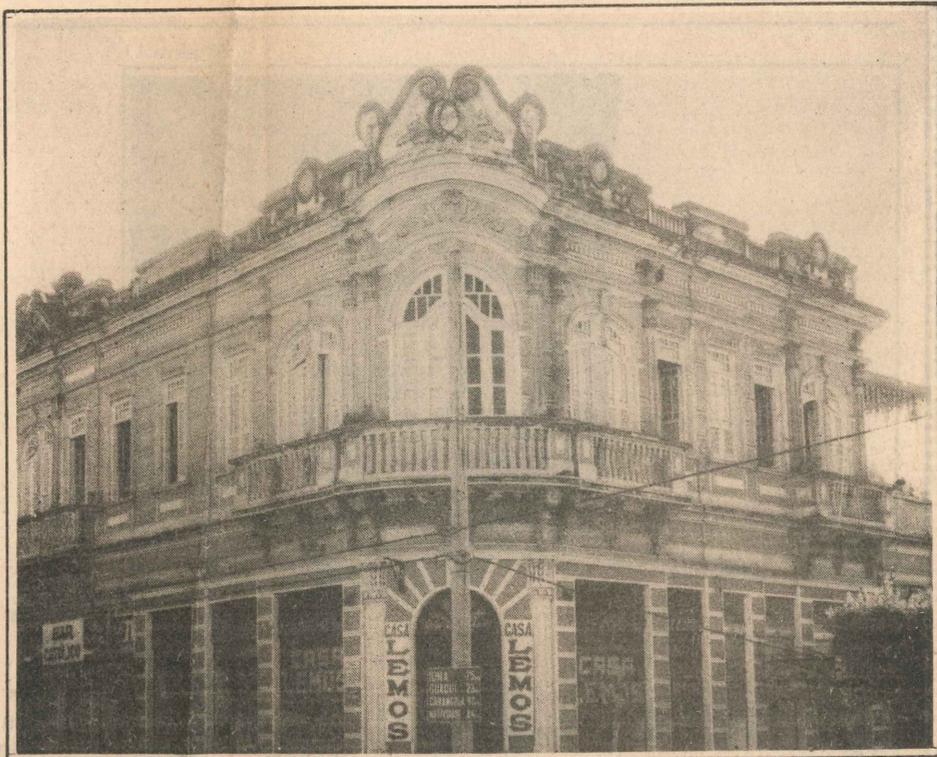
João Teixeira da Conceição, o verdadeiro desbravador desta região, tinha também os seus cachorros de caça. Entre eles, segundo a tradição, uma cachorrinha chamada "Alegre". Tinha este nome porque, além de exímia caçadora, era meiga e carinhosa, sempre abanando o rabinho para todos que dela se aproximavam. Não havia paca, tatu, cotia, capivara que a resistisse na carreira ou escapasse do seu furo apurado. Era conhecida e admirada por todos, inclusive forasteiros, que ali vinham apenas pelo esporte venatório.

nomens de alma em riste. No ato de pegar o animal, que estava do outro lado do rio, pulou na correnteza, forte devido a cheias recentes, sendo arrastada pelas águas revoltas, despencando-se pela cachoeira abaixo. Os caçadores, aflitos e contristados, nada puderam fazer para salvá-la. Desde então a alcunha da cachorra passou a designar também a cachoeira, transmitindo-se depois à região circunjacente:

"Vamos caçar no Alegre", tornou-se a frase usada pelos caçadores.

O belo animalzinho desapareceu no tumulto das águas, mas ficou para sempre gravado na geografia do povoado, que viria a ser um dia a bela e progressista cidade de Alegre, a "Cidade Cultura", do Espírito Santo, nova Atenas surgindo nos contrafortes da serra do Caparaó, transmitindo a seus habitantes as qualidades que fazem do cão o mais nobre e sincero amigo do homem: fidelidade, coragem, paciência, e sobretudo, o desejo de ser útil e agradável, qualidades que distinguem também os alegreenses, moldando o seu caráter e a sua vida.

(Transcrito da Revista da Cidade)



Um dos patrimônios de Alegre: no centro da cidade, um prédio antigo

Exaltação a Alegre

Wanda Santos Silly

É teu aniversário, criança centenária, e que oferendas levarei para ofertar-te, que incenso queimarei para teu regozijo?

Darte-ei um buquê das mais singelas flores que vir pelos caminhos... mas sorrirás desdenhosa, deçerto, porque não tens feito mais que dar-me flores, sempre e sempre. Nem vêes a primavera, és toda floração e perfume o ano inteiro, para comprazer-me.

Darte-ei uma canção... mas como, se sabes dedilhar a harpa do vento, cantando essa eterna cantiga de saudade que segue meus passos pelo mundo?

Darte-ei um beijo... quão humilde é a oferta, bem o vejo, se te beija diariamente esse Sol purpúreo, eterno enamorado; se te beija essa Lua toda prata, rendida aos teus encantos.

Darte-ei um poema... mas que poema há que suplante esse poema vivo que tu és, filha diletta da Natureza?

É o teu aniversário e nada tenho a dar-te... mas quisera pontilhar de estrelas teus cabelos, vestir teu corpo de nuvens mais airosas, por os mais doces sonhos nos teus dias.

Darte-ei o universo... e quão poucos seriam os sistemas e as galáxias, as nebulosas, os astros, o infinito insondável em eterna expansão... quão pequena é a dádiva, assim mesmo, para o meu afeto.

Mas se nada tenho a ofertar, que se iguale a ti, voltar-me-ei para minha humildade e te darei apenas o que possuo: dar-te-ei sonhos, anseios, ilusões, sorrisos — dar-te-ei meu exíguo mundo de esperanças e fé. Dar-te-ei somente os bens que aqui armazenei, e nada dou porque te devo tudo, a ti cabem os méritos do meu tesouro.

Pois paz e amor achei no teu convívio, em ti aprendi a enxergar o belo, a respeitar valores, a reconhecer grandeza.

Dou-me, então, menina caprichosa, e se os deuses já trouxeram todas as oferendas, aceita mais esta — e guarda-a contigo.

Alegre

José Tatagiba

Menina que mulher se vai fazendo, com traços de beleza peregrina, vejo a cidade, célere, crescendo, como quem corre em terra sem colina.

Ao pôr-do-sol os seus jardins se vende, tem-se a impressão de celestial campina, onde as desditas vão amanhecendo num encanto sem par para a retina.

É que em Alegre é mais largo o horizonte, onde o astro-rei não vive atrás do monte, como acontece nas demais cidades.

Alegre! Terra do mais lindo sol! Tuas filhas vestidas de arrebol, nos parecem vender felicidade.